



## **Discurso da Profa. Dra. Ligia Fonseca Ferreira (UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo) Agraciada com a Medalha Luiz Gama 2020**

Antes de mais nada, gostaria de saudar a excelentíssima Dra. Rita Cortez e, na sua pessoa, a diretoria e membros do Instituto dos Advogados Brasileiros que, desde seu nascedouro há 177 anos, se situa na vanguarda do Direito em nosso país.

Saúdo, igualmente, a Ordem dos Advogados do Brasil, na pessoa de seu presidente, Dr. Felipe Santa Cruz, sabendo de seu apreço inegável pela figura do “Dr. Luiz Gama”, um dos homenageados no grandioso I Congresso Digital da OAB, no qual, a convite do dr. Marcos Vinícius Furtado Coelho, tive a honra de proferir uma conferência magna, com mediação da Dra. Rita Cortez, sobre a vida e obra do advogado abolicionista, reunida no meu último livro *Lições de Resistência. Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro*<sup>1</sup>.

Ao meu estimado Dr. Humberto Adami – autor de ações pioneiras pela promoção da igualdade racial e reparação histórica da escravidão -, expresso meus sinceros agradecimentos por suas generosas palavras de saudação, e, sobretudo, pelo seu entusiasmo e reconhecimento dos trabalhos que venho realizando, há muitos anos, com o intuito de trazer a lume os escritos de Luiz Gama<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> *Lições de Resistência. Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro (1864-1882)*. Organização, introdução, notas Ligia Fonseca Ferreira. Apresentação Silvio Almeida. Prefácio Luiz Felipe Alencastro. São Paulo: Edições do SESC SP, 2020, 390 páginas. Este volume compõe-se de 61 artigos, dos quais 42 inéditos.

<sup>2</sup> Permito-me referir, completando a referência anterior: 1) publicação da obra poética integral em *Primeiras Trovas Burlescas e outros poemas de Luiz Gama*. Organização, estabelecimento do texto, introdução e notas de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo, Martins Fontes, 2000; 2) e a antologia *Com a palavra Luiz Gama. Poemas, artigos, cartas, máximas*. Organização, apresentações, notas de Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo : Imprensa Oficial, 2011 (2018/2019). Artigos de minha autoria em revistas eletrônicas podem ser encontrados na internet.

E *last, but not least*, registro minha imensa satisfação por me encontrar ao lado dos ilustríssimos agraciados deste ano, Prof. Dra. Maria Helena Diniz e Dr. Hélio das Chagas Leitão Neto.



Difícil dizer da minha honra, alegria e emoção de receber esta belíssima medalha, plena de simbolismos, resumidos no magnífico desenho de Oscar Niemeyer, especialmente neste ano de 2020 em que se celebram os 190 anos de Luiz Gama, cujo pensamento, exemplo e valores ainda mantêm seu frescor.

Confesso, igualmente, ter ficado surpresa com a notícia desta recompensa inimaginável, sendo eu professora da área de Letras, e não jurista, mas inimaginável, também, quando me recordo dos dilemas e inquietações que me assaltavam, à medida que avançavam as pesquisas de doutorado, feito na Universidade de Paris 3 (eu residia na França), há quase vinte anos, quando pouco se falava da importância de Luiz Gama no campo da literatura, da história do abolicionismo, da república, das ideias jurídicas, do jornalismo. Eu antevia, aliás com o auxílio de meu orientador – o historiador e lusitanista Georges Boisvert, professor emérito da Sorbonne -, a grandeza, a excepcionalidade daquele notável homem negro do século XIX, o único a ter sofrido a escravidão, pioneiro das campanhas abolicionista e republicana, mais de vinte anos antes da Abolição da Escravatura e Proclamação da República.

Se a história de vida quase mítica compunha as referências mais recorrentes sobre Luiz Gama, eu estava convencida que havia algo mais revelador de sua real envergadura, da atuação de um homem que libertou a si próprio, do autodidata que, como ele frisava repetidamente, “jamais frequentou academias”. Cumprindo um destino improvável para sua condição, tornou-se figura de destaque no meio letrado, exclusivo de brancos, em pleno Brasil escravocrata, além de ter influído decisivamente nos rumos das campanhas abolicionista e republicana, uma das mais épicas e tormentosas batalhas por que nosso país atravessou, impulsionada pela geração reformista de 1870 da qual fizeram parte grandes juristas como José Bonifácio, o moço, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Ferreira de Menezes, Salvador de Mendonça, entre outros. Para Luiz Gama, aquelas lides andavam de mãos juntas: não havia república sem abolição da escravidão (e, por óbvio, sem indenização dos senhores), nem abolição sem república. Em vários artigos publicados na imprensa paulista, já em meados da década de 1860, ele também confessou – 100 anos antes de Martin Luther

King – ter um “sonho sublime” (ao qual não assisti): “as terras do Cruzeiro, sem reis e sem escravos”<sup>3</sup>. No entanto, como se sabe, seu nome e sua participação nessas reformas fundadoras de uma nova ordem política, econômica e social foram ocultadas nas narrativas construídas no período pós-republicano.

Desde o final dos anos 1990, uma pergunta sempre me perseguiu: *“qual é verdadeiramente e onde encontrar a ‘obra’ de Luiz Gama? O que ela nos diz sobre seu espantoso letramento e sólida cultura, sobre as estratégias mobilizadas por um negro e ex-escravizado que se torna uma liderança num mundo de brancos?”* Logo tive a convicção de que a resposta a essas indagações deviam encontrar-se no seu principal legado, ou seja em seus escritos, até então pouco e mal conhecidos. Era necessário encontrá-los, estabelecê-los, divulgá-los em sua integralidade. Esse foi o ponto de partida dos meus trabalhos, iniciados com o resgate e publicação do conjunto de sua obra poética, no ano de 2000; onze anos depois, organizamos uma vasta antologia de textos de diversos gêneros (poemas, artigos na imprensa, cartas, máximas) e ilustrações, em sua maioria inéditos; e recentemente, lançamos sua obra jornalística, fruto de mais de três anos de pesquisas, com mais de quarenta textos inéditos, tendo como eixo central os temas da escravidão, liberdade, república, racismo, direitos humanos, liberdade de imprensa. Recorde-se que, no contexto em que viveu Luiz Gama, um negro que pensa, escreve e através da escrita questiona e desafia o regime escravista representa uma façanha histórica, um gesto político, uma mensagem para a posteridade, um fato a ser conhecido por todos os brasileiros.

Confesso-lhes que não foi fácil. Muitas razões e circunstâncias poderiam ter-me feito abandonar minhas ideias, porém algo mais forte ditou-me aquele propósito, já que, naturalmente, tinha como fonte de inspiração a determinação, o sentimento – eu diria quase místico – que tinha Luiz Gama de possuir uma “missão”. Inúmeras vezes, nas páginas dos jornais referiu-se ele ao “rigoroso dever” que a ele se impunha, ao seu “interesse inabalável (...), a despeito das mais fortes contrariedades, [pela] sustentação plena, gratuitamente feita, dos direitos dos desvalidos”, sempre que fossem “prejudicados por uma inteligência das leis, ou por desassisado capricho das autoridades”<sup>4</sup>. Num dos seus magníficos parágrafos, asseverava que milhões de homens e mulheres livres, africanos e seus descendentes, escravizados ao longo de

---

<sup>3</sup> “Pela última vez”, *Correio Paulistano*, 3 de dezembro de 1869. In: *Lições de resistência...*, op. cit., p. 165.

<sup>4</sup> “Foro da Capital”, *Radical Paulistano*, 29 de julho de 1869. In: *Lições de resistência...*, op. cit., p. 134.

mais de trezentos anos, jamais encontraram “quem num movimento espontâneo, desinteressado, supremo, lhes quebrasse os grilhões do cativo!”<sup>5</sup>, cativo que ele viveu de dentro, sofreu *na ou por causa de* sua pele. Desnecessário dizer que a tarefa se anunciava árdua e tormentosa. Em certa ocasião, em denso ensaio jurídico, Luiz Gama afirmou a seus leitores que lhe cumpria honrar seu sobrenome, o mesmo do “atrevido navegante” português Vasco da Gama, pois, como ele, enfrentaria tempestades quando decidiu pôr em cheque a idoneidade, demonstrando publicamente o apoio inequívoco ao *status quo* escravista, de ninguém menos do que o então já falecido, porém celebradíssimo jurisconsulto e político, conselheiro Nabuco de Araújo, pai de Joaquim e um dos homens mais poderosos do Império; contudo, para o “atrevido” abolicionista negro, a empreitada não seria “mais difícil de vencer que os empolados mares da Boa Esperança”<sup>6</sup>...

Devotando-se de corpo e alma aos seus princípios e valores, o defensor dos escravizados se distinguiu também como aguerrido defensor do Direito, indignando-se quando este era enxovalhado por seus próprios representantes. Tema recorrente em seus escritos era a denúncia da atuação dos “doutores” coniventes com o escravismo, de decisões arbitrárias e errôneas de juízes que fraudavam, ao arpejo da lei, os direitos de “pessoas ilegalmente escravizadas” e de indivíduos sem posses. Dono de uma erudição e de um pensamento sofisticados no campo jurídico, o advogado de profícua atividade jornalística usava da imprensa para comentar detalhadamente e estampar erros (propositais) cometidos por advogados e magistrados, a fim de que “o povo admirasse o modo extravagante pelo qual se administra a justiça no Brasil”<sup>7</sup>. Vez por outra, não se furtava a dispensar, vez por outra, “proveitosas lições de direito” a profissionais incompetentes que, contrariamente a ele, se formaram nos cursos jurídicos do Império.

Luiz Gama orgulhava-se de ser reconhecido pela publicamente como “extremo democrata”, defendia o “alto e nobre princípio da liberdade de imprensa”<sup>8</sup>. Herdeiro das Luzes, era filho de seu século, em que os ventos da Liberdade, Igualdade,

---

<sup>5</sup> “Carta a Ferreira de Menezes”, *Gazeta da Tarde*, 16 de dezembro de 1880. In: *Lições de resistência...*, op. cit., p. 263.

<sup>6</sup> “Questão jurídica”, *A Província de São Paulo*, 18 de novembro de 1880. In: *Lições de resistência...*, op. cit., p. 281.

<sup>7</sup> “Foro da Capital”, *Radical Paulistano*, 12 de agosto de 1869. In: *Lições de resistência...*, op. cit., p. 142.

<sup>8</sup> “Pela última vez”, op. cit.; “O Imperador e a liberdade de imprensa”, *Correio Paulistano*, 1 de novembro de 1873. In: *Lições de resistência...*, op. cit., p. 227.

Fraternidade foram soprados pela Revolução Francesa. Citando-o novamente, já que nosso desejo é sempre divulgar e colocar leitores e interessados de hoje em contato efetivo com a voz e a ação de Luiz Gama (na lógica da pragmática do discurso, *dizer é fazer*): num de seus artigos, também pouco conhecido, ele expõe, em tom desafiador porém marcado por uma fina precisão semântica, seu conceito de “resistência”, calcado nos preceitos da primeira *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789):

“Se algum dia [...] os respeitáveis juízes do Brasil esquecidos do respeito que devem à lei, e dos imprescindíveis deveres, que contraíram perante a moral e a nação, corrompidos pela venalidade ou pela ação deletéria do poder, abandonando a causa sacrossanta do direito, e, por uma inexplicável aberração, faltarem com a devida justiça aos infelizes que sofrem escravidão indébita, eu, por minha própria conta, sem impetrar o auxílio de pessoa alguma, e sob minha única responsabilidade, aconselharei e promoverei, não a insurreição, que é um crime, mas a **‘resistência’**, que é uma **virtude cívica** [...]”<sup>9</sup>



Os escritos de Luiz Gama, verdadeiro intérprete do Brasil, são de surpreendente atualidade.

Há mais de 150 anos, denunciou a corrupção sistêmica e a impunidade (“Os senhores dominam pela corrupção; têm ao seu serviço ministros, juízes, legisladores; [...] A luta promete ser renhida; mas eles não de cair [...] e o dia da queda se aproxima”, escreve ele em 1880), as atitudes racistas de que eram alvos ele, outros ativistas negros, os africanos escravizados e seus descendentes (“em nós, até a cor é um defeito”, lamenta-se num artigo em defesa de José do Patrocínio); dissecou o as irregularidades flagrantes da “justiça para negros”; denunciou as torturas físicas e emocionais, as arbitrariedades de toda a sorte que vitimara homens e mulheres escravizados, africanos, logo “estrangeiros”, ou seja corpos estranhos no tecido da nação, pessoas sem pátria e sem língua, como sua mãe, a “africana”, a “estranha estrangeira” Luiza Mahin, expulsa, real e simbolicamente, do corpo do Brasil... Porém, ela se enraizou na mente, no coração, animando o propósito, o ativismo e a “resistência” abraçados por seu filho magnânimo.

---

<sup>9</sup> “L. G.P. Gama”, *Correio Paulistano*, 10 de novembro de 1871. In: *Lições de resistência...*, op. cit., p. 199.

Assim, caros amigos, vejo-me hoje plenamente recompensada pelos dilemas e inquietações que sobre mim pairaram no passado.

Tenho certeza - e a esperança - de que esta honraria, hoje a mim concedida, sinaliza outro sonho meu a caminho de se concretizar : o sonho de que, doravante, serão cada vez mais conhecidos, na fonte, a obra, os escritos de Luiz Gama, tão ou mais fascinantes de que sua história de vida, até porque ele *vive* em suas palavras, forjadas no conhecimento, na razão iluminadora e na consciência da liberdade que sempre buscou. Sei que muitos membros e amigos do IAB são professores de direito nas mais diversas instituições. Ler e estudar os textos de Luiz Gama nos cursos jurídicos, como também nos cursos de letras, jornalismo e história, significa descobrir um pensamento elevado e inspirador nesses tempos estranhos que atravessamos, e estranhos não só em virtude da pandemia, quando parece - e apenas parece, quero crer - reinar entre nós o orgulho da própria ignorância; a vulgaridade em vários níveis; o desprezo da ciência e do saber; a indiferença pelos movimentos antirracistas e feministas; a insensibilidade à Vida e à Natureza; o escárnio das leis e do Estado Democrático do Direito, enfim, questões essas que, seguramente, Luiz Gama hoje, sem dúvida, seria um dos primeiros de nós a defender.

